

## 4

### Considerações finais

Os apontamentos de Baudrillard (2007) acerca da sociedade do excesso assinalam em síntese, idéias como a imagem do crescimento representada pela abundância, a compulsão pelo consumo para aplacamento da angústia, o condicionamento das necessidades humanas, o imperativo da diversão e da gratificação, a conformidade, a igualização, o alto valor para a exterioridade, o neo-real no lugar do real (simulação), o objeto como pseudo-acontecimento, a impossibilidade de se perder tempo e, enfim, uma cultura violenta e concorrencial.

A partir destas pontuações e dos casos considerados, pensamos em duas possibilidades de postura do indivíduo frente à vida: ou bem ele amplifica a sua capacidade de adquirir as “necessidades” oferecidas recorrentemente ou buscará com afincamento uma simplificação para sua vida, de modo a não estar tão refém da proposta consumista. Por simplificar a vida entendemos o distanciamento da situação onde a sociedade pensa e sonha pelos seus contribuintes e, conseqüentemente, o resgate de uma autenticidade onde o tempo subjetivo pode nortear o indivíduo na direção de um contato mais íntimo consigo mesmo. Conquistadas estas condições, o indivíduo pode localizar quais esperanças possui acerca do mundo em que vive e vislumbrar a mobilidade que deseja ter nele.

Uma simplificação para o viver seria um proceder diário equilibrado, num ritmo respeitador de um tempo interno, ritmo esse em que a memória de si mesmo pode acompanhar o Eu interagindo com o mundo. Manter juntas a lucidez e a capacidade de sonhar pode ajudar em muito a manutenção de um viver que dispensa a obrigação de ser levado pela maré do consumo e do espetáculo. Sabemos o quanto é difícil para o sujeito imaginar como reduzir o volume de informações e provocações que seus olhos e sua mente absorvem diariamente aonde quer que ele vá. O que aqui é proposto como um viver simples inclui uma alta capacidade para perceber o excesso e depois filtrar o que deve ficar e o que deve ser dispensado. Na verdade esta filtragem às vezes se dá em concomitância com a enxurrada de informações que abarrotam a sensibilidade e então, mais do que nunca, tem sido fundamental uma astúcia ou *expertise*, como queiramos

denominar a postura dos sujeitos para preservar o que pode haver de fundamental para eles mesmos. Podemos imaginar que o processo de permanente filtragem se dá entre SER a pessoa que se é e FAZER as ações condizentes com um projeto de vida particular.

Para Winnicott (1971), tanto homens quanto mulheres são portadores de elementos masculinos (correspondentes à experiência do fazer) e femininos (correspondentes à experiência do ser). O que nos interessa deste recorte é demarcar que, em acordo com este autor, faz todo o sentido que a experiência de ser um alguém anteceda a experiência de fazer algo. Agir é quesito mais que necessário para o sujeito contemporâneo, mas, quando as atitudes não refletem uma naturalidade para o próprio indivíduo, escutamos narrativas de um viver mecânico, esvaziado de sentido e provido basicamente de movimento. Ação sem sujeito ou com sujeito indeterminado.

O que parece confundir uma avaliação do que vem a ser o viver contemporâneo, é a ênfase na categoria do *ter* (o que tenho ou o que ainda preciso ter para ser um alguém respeitável). Para os adolescentes, um recurso para ingressar na chamada linguagem adulta pós-moderna, é a demonstração do que têm em termos materiais, como quem apresenta suas armas. A imprecisão acerca de como e quem são exerce sobre os adolescentes uma grande pressão, qual seja, a de não serem reconhecidos pela comunidade como participantes legítimos e dignos de admiração.

Já se debateu bastante sobre o consumismo e seus efeitos de compensar faltas. A compensação costuma se dar de forma precipitada quando certas faltas ainda nem foram inteiramente vividas para ganharem sentido e destino. Vimos que as pessoas podem ter tatuagens, unhas postiças, *megahair*, silicones implantados, roupas, casas e carros. Isso tudo numa tentativa de fortalecer o *self* perdido e inseguro sobre como se apresentar no mundo. Mas outra coisa se sucede quando o *self* se sente inacabado e então a falta deixa de estar ligada à insegurança do valor que se tem e muda para a dúvida acerca do que vem a ser uma pessoa de verdade. Nestes casos, percebemos que algumas pessoas passam a fazer aquisições especiais, a fim de cuidarem do sentimento de inacabamento e procuram “ter” hábitos, sentimentos e formas de ser.

Uma das questões a se pensar é como estas aquisições especiais são percebidas pelos outros. Por exemplo, uma forma de agir, um jeito de falar, uma

cor de cabelo, um jeito de gargalhar, um tom de voz, enfim, toda esta formatação pode ser usada como modo de apresentação de uma pessoa. Estamos nos referindo à construção de subjetividades altamente baseadas em imagens um tanto estereotipadas pertencentes ao imaginário fabricado pela mídia, não mais àquele imaginário representativo de uma dada cultura, repleto de marcas e referências específicas daquele grupo. Isso implica em dizer que, no afã de se ver como uma pessoa “inteira”, nos tempos atuais, quem usa a bricolagem como modo de construção busca evitar a angústia pela sensação de inacabamento. Advém deste processo o grande valor de uma “arrumação” para não se ficar ilhado (*insulated*). Esta arrumação, conforme observamos, começa com aquisições artificiais e pode seguir gerando um funcionamento falseado no mundo, o que ocorre com muita frequência. Mas há “bricoleiros” que devido à boa capacidade de integrar as experiências vividas na infância (mesmo que falhas), conseguem ultrapassar esta possibilidade *fake* para viver e conquistam para si o prazer de um auto-conhecimento e o estabelecimento de uma forma de ser condizente com seu mundo interior e suas memórias particulares. A peculiaridade está em que isso tem se dado, em alguns casos, de forma um tanto tardia, já na vida adulta.

Para mantermos o pensamento de Winnicott operante, a partir do material clínico aqui reunido e apresentado, precisamos abrir espaço para a idéia de que muitas vezes, justamente pelo inacabamento de um processo do ser, antecipa-se um fazer, mesmo que imaturo e precário, para que ele forneça de volta ao ser algum caminho para continuar. Pode ser que Violet Rose, por exemplo, tenha alterado a frase winnicottiana (1975: 120): “*Após ser – fazer e deixar-se fazer. Mas ser, antes de tudo*”. Pensando nestes termos Violet diria: ser um pouco, fazer um tanto, voltar a ser mais um pouco, fazer outro tanto, experimentar se já se é o suficiente e aí então, fazer e deixar-se fazer (mas com cautela, diria ela).

Reafirmando nossa pesquisa, na contemporaneidade, as diferentes subjetividades têm em comum o fato de seu processo de auto-conhecimento ser maciçamente interrompido. Daí a idéia de um *self* atuante mas perdido, à cata de sinais luminosos que possam trazer sentido. Buscar sinais luminosos é uma qualidade de inserção no mundo em que a sensatez e a consciência criativa podem prevalecer. Dizemos luz no sentido de *insight*, diferente das estroboscópicas luzes das cidades, que mais distraem e confundem do que indicam caminhos.

Ao observar o processo maturacional de algumas pessoas, percebemos muitas interrupções no processo constitutivo e constatamos um inacabamento referente ao que se chega a ser. Temos notado fortes intensidades para viver em muitos indivíduos: uma delas, num estilo *low profile* de interação, em que parece haver pouca possibilidade de alterações de humor na intenção de manter-se estável, pouco sujeito às alterações externas (como no caso de Myrtille); outra forma intensa de ser aparece em um estilo veloz, no qual uma pessoa que acabou de ser apresentada já é a melhor amiga e com quem se vai montar uma casa em comum, em uma precipitação das coisas (como no caso de Esther). Aparentemente a opção *low profile* não envolveria intensidade, mas, conforme vejo na clínica, manter este funcionamento operante requer permanente esforço, pois esta forma suave não significa necessariamente calma, parece também servir como um dique diante do ambiente excessivo e intrusivo. Já a opção veloz e mais nitidamente intensa, abarca em si o sonho mágico de se estar em todos os lugares e com muitas pessoas ao mesmo tempo, o que nos sugere outro estilo de dique contra a solidão e a angústia.

O caso de Violet Rose é ainda mais representativo dos tempos atuais porque ela reúne em sua forma de ser as duas características anteriormente mencionadas e ainda acrescenta uma forma especialmente humorada para interagir com o outro, revelando uma capacidade de distanciamento crítico, fator fundamental para uma boa sobrevivência na contemporaneidade. Por acreditar na força transformadora do humor, desenvolvi junto com ela, uma forma de me referir a certos comportamentos nos quais as pessoas “esquecem” que vivem em comunidade. Criamos o neologismo “CN” e “SN” referente a pessoas “com noção de si” e “sem noção de si”, para classificar as pessoas. Por exemplo, algumas são capazes de entrar num elevador lotado e estabelecer em alta voz uma conversa telefônica enquanto gesticulam nervosamente, como se estivessem em casa, sem considerarem os outros ali presentes. Outras, as “CN”, sabem diferenciar os lugares e os momentos para as coisas se darem.

Esta pesquisa se interessa por situações nas quais um indivíduo é o narrador-comentador da própria vida e tem noção do seu efeito sobre os outros e vice-versa. Por outro lado, nos interessamos também por histórias em que a vida é vivida sem a colocação de legendas, num formato de vídeo-clip, onde a edição dos acontecimentos parece se dar de modo randômico, sem uma voz narradora-

comentadora. Vem desta observação os termos “CN” e “SN”, numa tentativa de rirmos um pouco de nós mesmos e das situações nada agradáveis a que somos por vezes submetidos e obrigados a abstrair.

De dentro das milhares práticas cotidianas, algumas pessoas utilizam mecanismos de defesa semelhantes a um falso *self* para dar conta do que desejam e não só do que é depositado sobre elas. Estes mecanismos podem algumas vezes confundir o observador que poderá pensar em apatia, desluzimento ou submissão, mas, olhando mais de perto, muitas vezes parece tratar-se de uma sabedoria. Notamos que há na contemporaneidade uma forma plástica de lidar com a vida e pensamos numa permeabilidade e numa elasticidade do sujeito em relação ao meio em que vive. A astúcia nestes casos pode ser percebida por certos vestígios: a forma como o filtro particular é usado, ora aumentando a passagem dos estímulos, ora fechando-a totalmente, e a opção pela discrição na maneira de agir e interagir, em contraste com a proposta estandardizante e carnalizante da mídia. Ou seja, falamos especificamente de quem se esforça por estabelecer uma ética para uma estética.

Gostaríamos de propor que esta aparente “entrega” do eu diante do grande espetáculo, é, num primeiro momento, uma maneira plástica de lidar com o mundo, pois oferece mobilidade e mantém a autenticidade discretamente guardada para uso. Esta plasticidade pode, pela própria característica da experimentação, lembrar o indivíduo em fase de amorfia como Winnicott (1975) propôs. Eis um pensamento conclusivo para este trabalho: embora se espere que a área de amorfia possa ser vivida especialmente nos primeiros anos de vida, durante os quais a não-integração é profundamente experienciada, talvez estejamos encontrando remanescentes desse período. Os motivos deste retardo maturacional podem estar na falta de tempo suficiente para se desenhar uma boa construção integradora do *self* ou, porque no meio do processo construtivo estas pessoas assustaram-se diante das tamanhas intrusões e recolheram-se, mantendo a condição amórfica e guardando-se para “mais tarde”.

Esta forma escolhida para ser tem a ver com o conceito de falso *self*? Em uma primeira visada sim, pois estas construções baseiam-se bastante nas exigências do meio e se dão em alta conformidade com ele. As pessoas caracterizadas por Winnicott como falso *self*, porque acuadas diante da possibilidade de serem autênticas, atendem às expectativas do externo para

proteger e esconder o interno-íntimo. Mas nos casos de falso *self*, a patologia resulta em um eu tão bem guardado que não é mais acessível para o outro e às vezes nem para o próprio eu-autor desta operação. Nestes casos de bricolagens bem sucedidas, percebemos uma orquestração do que se passa entre a pessoa e o mundo e um aproveitamento da *performance* de ser como um trampolim para ser.

Em uma segunda análise, podemos perceber que esta forma de gerenciar as conformidades contem sutilezas interessantes. Nestas pessoas que conseguiram driblar as ameaças de vir a ser um-qualquer, há uma *expertise* que lembra as manobras e o envolvimento infantis para criar uma brincadeira-séria. Dizemos brincadeira-séria para ressaltar uma certa qualidade do brincar em que o envolvimento da criança é total e voltado para elaborar as questões intrigantes e importantes que a vida lhe apresenta. A atitude solene e sagrada contida na construção de uma cabana, por exemplo, revela para o coadjuvante observador a importância daquele acontecimento em que muitas vezes se vê o SER sendo, fazendo e refazendo a sua própria existência. Pois bem: esta qualidade “infantil”, notada em muitos pacientes adultos, parece estar referida a esta situação específica, onde o investimento afetivo está seriamente voltado para elaborar e construir questões que já deveriam estar solucionadas, mas que ainda não foram. Parece haver pendências que pedem um emergir.

Dito de outra forma, nos parece que diante do mundo espetaculoso, já suficientemente adjetivado neste trabalho, muitos adultos que necessitam manter preservada sua originalidade, consideram o regresso a um estado intimamente conhecido seu, qual seja, o estado de não-integração. Estar amórfico não é não ter forma, mas sim ser capaz de usar a plasticidade para sentir, pensar e agir. Trata-se de experimentar sensivelmente o mundo externo pressionando e impressionando o mundo interno, sem que isso paralize o movimento que busca quem se é. A plasticidade envolve interação, não só reação, pois permanecer em estado de experimentação é não ser encerrado num molde, mas preparar o próprio molde. Algumas pessoas sobre quem falamos, trazem esta qualidade de se modificar diante da ação externa e aparentemente se disfarçam, sem esquecer a matéria de que são feitas, pois esta é sobretudo resiliente.

Eis outra pontuação que gostaríamos de fazer: há uma marcada junção de plasticidade e resiliência<sup>14</sup> numa das atuais formas de construção subjetiva e talvez seja isto que nos faz pensar nem em falsos *self* e nem em personalidades normóticas. Estas pessoas costumam deixar em aberto o “acabamento” do ser e adiantam o fazer, o que nos faz pensar num eu que mais se cuida do que se protege, que faz acordos sem grandes prejuízos e não se esconde tanto, só é precavido. Notamos que o traço referente à plasticidade poderia revelar um mecanismo falso *self*, mas o traço resiliente pode nos sinalizar uma disposição para a inteireza, uma resistência positiva.

Para voltarmos a uma imagem trabalhada anteriormente, quando o mar mergulha no indivíduo, este usa de sua plasticidade para receber a onda e quando ela se vai, ele mergulha no mar e então sim, é ele quem passa a ser a tensão causadora de deformação na água. A plasticidade nesta situação está em poder ser inventado pelo mundo e a resiliência está no ato de recuperar a própria forma e seguir re-inventando esse mesmo mundo. É sabido que todos nós, desde os primeiros tempos até agora, sempre tivemos um lugar para viver situado entre-mundos e que nossa tarefa é não escolher nem um, nem outro, mas estabelecermos um terceiro campo, resultante desse intercâmbio. Este feito surge a partir do instante em que o sujeito percebe em si mesmo, um real sentimento de estar continuamente existindo. O paradoxo de que o viver se dá nem totalmente dentro, nem totalmente fora, não deve ser solucionado, mas incorporado pelo indivíduo.

Pensando dessa forma, será que estas construções baseadas em bricolagens provocam um real sentimento de existir? Possivelmente sim, em muitos casos, não em todos, posto que o gerenciamento desta experiência parte do mais íntimo lugar do eu, e só deste modo faz-se possível a vivência autoral. Quando o narrador de si mesmo, ao fim de um dia, resume os acontecimentos que viveu e reconhece

---

<sup>14</sup> O conceito de resiliência neste trabalho segue a acepção de Frederic Flash revisto M. I. Sachuk, que diz: “O indivíduo resiliente, para esse autor, é aquele que tem habilidade para reconhecer a dor, perceber seu sentido e tolerá-la até resolver os conflitos de forma construtiva. Broffebrenner (1993) e Moraes e Rabinovich (1998) utilizaram esse termo como referência aos sobreviventes de campos de concentração nazistas que reconstruíram as suas vidas, em detrimento daqueles que não conseguiram ultrapassar o trauma pelo qual haviam passado. Dessa forma, essa qualidade – a resiliência – está associada à esperança quanto ao futuro que as pessoas possuem, quando submetidas ao sofrimento”.

a própria capacidade de sonhar e agir, ele renova o sentimento de esperança e segurança quanto a sua continuidade. Surge, possivelmente, a pergunta: são estes “recicladores” pessoas que vivem de restos? Alguns correm sim este risco, de tornarem-se uma colagem ou pastiche, dependendo se o sentimento que os faz usar o artifício de colecionar preciosidades e restos não seja capaz de transformar em EU o que sejam os OUTROS. A capacidade criativa sempre foi fator de alta importância neste processo que transforma o que é do outro no que passa a ser “meu” e nos dias de hoje, é uma habilidade ainda mais preciosa, se o que se quer é um real lugar no mundo.

Podemos usar um glossário cujas palavras nos ajudam a traduzir quem são estas pessoas ou que função elas parecem exercer: colecionadores, garimpeiros, bricoleiros, pescadores, antenados, coladores, olheiros. Seja como for, elas utilizam habilidades plásticas para atender a seu senso estético, às vezes com ética, outras vezes sem. Estas experiências parecem caber dentro do conceito de Winnicott para “fenômenos transicionais”, pois tendo um “abrigo” para estes momentos provisórios de ser, o sujeito ganha tempo emocional suficiente para sair da introspecção e então relacionar-se autenticamente no mundo, sendo, de preferência, quem é. Winnicott (1990) usa o termo *resting place of illusion* (abrigo da ilusão) para referir-se à permanente batalha do sujeito para discernir os contrastes e paradoxos que a vida apresenta. Diz ele:

(...) existe uma luta constante no indivíduo, ao longo de toda a vida, para distinguir o fato da fantasia, a realidade externa da psíquica, o mundo da fantasia. Os fenômenos transicionais pertencem a uma área intermediária que chamo de abrigo porque, vivendo nessa área, o indivíduo está livre da tarefa de distinguir o fato da fantasia” (p.107)

Pensamos no período em que uma pessoa adulta se recolhe para buscar elementos para ser e sugerimos que tais momentos encontram lugar propício para experimentação no abrigo da ilusão. Para lidar com a realidade ultra-fantástica desta era, estes recolhimentos tardios, em condições advindas do brincar e do estado de não-integração, servem como experiências elaborativas; são como ensaios que dão conta de uma filtragem e podem devolver ao indivíduo a sua familiar condição ao mesmo tempo solitária e comunitária. Lembrando a história de Violet, quando ela estava no abrigo-*closet*, era ali e naquelas condições

especiais de segurança e relaxamento que costurava e estabelecia os limites entre ela e o mundo.

Distinguir entre fantasia e realidade parece ser um exaustivo exercício ao qual o indivíduo contemporâneo está permanentemente exposto. Diante disso, cada um pode optar por deixar as coisas seguirem numa postura coadjuvante a este processo ou buscar compreender o que se passa no entreposto eu/mundo e selecionar as “mercadorias” que realmente são necessárias para se viver. A experiência da ilusão como um *resting place* serve para se fazer uma revisão das coisas e também para que as pessoas possam se refazer do cansaço de nunca poderem estar relaxadas o suficiente. Sabemos que o abrigo não é um lugar para se permanecer, mas um recurso que vem sendo utilizado por algumas pessoas para conquistar um lugar no mundo, sem o risco de se perderem.

Há na literatura de ficção um conto exemplar que nos apresenta um cenário onde co-habitam pessoas “reais” e pessoas invisíveis. No ano de 1951, o escritor Ray Bradbury lançou suas “Crônicas Marcianas”, na forma de curtos relatos sobre a ocupação de Marte por parte dos terráqueos. A cronologia das histórias inicia-se no ano 1999 e termina em 2026. O capítulo referente ao ano de 2005 é intitulado “O Marciano” e nele o que o leitor acompanha é a história de um marciano que não é percebido como tal, porque desenvolveu a habilidade de se transfigurar de acordo com o que os outros gostariam que ele parecesse, justamente para que sua verdadeira identidade não fosse descoberta (eles temiam ser eliminados pelos novos ocupantes de Marte). Assim, os marcianos co-habitavam o mesmo planeta com os terráqueos desse modo especial:

“*Como cera fundida, tomava a forma dos pensamentos deles*” (p. 155). A plasticidade da cera para o marciano era um aprisionamento em sucessivas mudanças, sem permanência e sem a possibilidade de sobrevivência.

Para nós, a capacidade de assumir o cuidado consigo mesmo e a responsabilidade pelo lugar que se ocupa no mundo não é somente inata nem totalmente adquirida, mas uma construção a partir das experiências reunidas ao longo da vida. As pessoas que conseguem cuidar do próprio inacabamento a partir de sua capacidade de integração, criam a oportunidade de superarem o desamparo e incluem o bem viver em seu cotidiano. Esta condição é diferente dos normóticos de Bolla, que são mais autômatos e robóticos. Em sua descrição, consta a característica de não saberem o que se passa com eles. Por isso atentamos para a

qualidade do narrar destas pessoas aqui citadas que sabem razoavelmente o que se passa e, de modo criativo, tentam driblar as exigências demasiado impositivas da sociedade.

A presença do humor, sabemos, é sinal de saúde pela qualidade de distanciamento que este sentimento traz em relação às dificuldades que a vida apresenta e também porque o humor pode ser usado como um reforçador do juízo crítico. Em outras palavras, narrar com algum humor certas passagens complexas da história pessoal, ou mesmo olhar a dinâmica da vida e conseguir ultrapassar os momentos impactantes, permanece sendo uma saída saudável, auxiliar no equilíbrio emocional e na argúcia intelectual.

Nem sempre sabemos quando criamos o mundo ou quando criamos um universo à parte. Se deixarmos, o mundo pode nos formatar a seu modo e perderemos a chance de ter a autoria de nossa construção. Trata-se de um extremo e intenso jogo de forças. O que significa estar preparado para viver neste cenário com este estado de coisas? O que se torna imprescindível? Até onde podemos observar, parece imprescindível manter a vontade de viver fortalecida e livre, mas não a qualquer preço, como na crônica do Marciano. Este sinal vital é bastante visível nestas pessoas aqui estudadas. No conto de Ray Bradbury, o marciano sucumbe às sucessivas tentativas de se esconder sendo várias outras pessoas ao mesmo tempo. Na linguagem winnicottiana, o personagem sofreu uma alta vulnerabilidade em relação ao meio externo e como defesa, elegeu sua habilidade plástica de poder ser quem não era. Dessa forma, o marciano viveu um processo de aniquilação do *self* pela extrema invasão sofrida relativa ao que havia de mais precioso para ele, que é o núcleo do *self*. No prefácio de Da Pediatría à Psicanálise, Masud Khan escreveu:

De acordo com Winnicott, o que conta são as reações às invasões e não as invasões em si. (...) O excesso desse reagir provoca, não frustração, mas uma ameaça de aniquilamento (p. 48).

Safra (2007), em conferência proferida, descreve três registros que caracterizam o conceito de pessoa humana: individualidade, singularidade e pessoalidade. Na individualidade, o sujeito percebe que é um entre muitos; na singularidade, há um estilo de ser entre muitos; na pessoalidade, há uma organização de sentido entre muitas organizações. Nos parece que as pessoas que

utilizam a bricolagem como formato para ser alguém, transitam entre a individualidade e a singularidade e só alguns chegam à noção de pessoalidade. Pensando assim, talvez Myrtille e Esther estejam vivendo segundo o registro da singularidade e Violet Rose esteja agora no registro da pessoalidade.

Supomos que as interrupções sofridas ao longo do processo maturacional acabam por desnortear as pessoas, acentuando a sensação de inacabamento e adiando o encontro com a finalidade e o sentido de suas vidas. Lidar com o sentimento de inacabamento pode ser justamente o que reconduz o indivíduo ao contato com a finalidade e o sentido da vida. É desta interrupção que viemos falando, a que contribui para a sensação de inacabamento que se apresenta em certas narrativas pessoais. Quando Lipovetsky (2005) assinala que na condição pós-moderna as pessoas têm vivido isentas do compromisso com a finalidade e com o sentido, ele acrescenta a este cenário complexo mais um desafio para quem busca a autenticidade.

Para nós, o viver sem a clareza de uma finalidade e um sentido pode não tratar-se de uma alienação por parte dos sujeitos. Muitas vezes vem a ser uma alternativa provisória e real, para que o *going on being* não fique estagnado. Para alguns, para aí o processo maturacional; para outros, é justo a partir daí que tem sido possível a construção de um viver autêntico. A aceitação de sucessivos estados e formas provisórias para uma construção de si mesmo é percebida por exemplo em Violet. Esta moça usou a si mesma como um veículo para experimentações de como ser durante o tempo em que temia o não-ser. Este eu que se sustenta e aprende a esperar pela oportunidade de mostrar-se no mundo de forma mais inteira, sem perder o “fio da meada”, não é novidade e sim um belo exemplo da construção de um ser humano. A especificidade de alguns casos está neste interessante gerenciamento do eu, que transita entre o natural e o artificial, entre uma performance *fake* de ser e uma postura autêntica.

O que transparece na contemporaneidade é que muitos eus, precocemente, percebem a oposição ambiental no sentido da adversidade. Esta percepção provoca o indivíduo, ao invés de ser um convite para participar de uma dinâmica. Outra forma de vivenciar a oposição é como suporte e sustentação (feito o chão funciona para o peso do nosso corpo). A primeira acepção de oposição faz o indivíduo defender-se do meio e reagir a ele; a segunda acepção oferece a oportunidade de uma melhor interação com o meio. A diferença entre o que

acontece atualmente e o que se via antes poderia estar no quão mais precocemente muitas pessoas, no momento em que deveriam prosseguir no processo de autoconhecimento, dão passagem para o mundo espetaculoso. Na verdade, dizemos “dar passagem” mas trata-se de um eufemismo, pois o que vemos é uma entrada brusca do mundo espetaculoso em nossas vidas, feito um transatlântico avançando mar adentro. Neste ponto, quando o ambiente externo é por demais exibido e intrusivo, observamos nitidamente a interrupção dos processos maturacionais (embora estes intervalos não signifiquem estagnação) e a alternativa de viver de provisoriedade em provisoriedade, até que um solo firme para o ser seja encontrado.

O mundo que Myrtille e Esther encontraram oferece a elas uma oposição a sua natureza introspectiva. O que elas fizeram com isso foi, num primeiro momento, aderir à linguagem do ambiente pós-moderno ao mesmo tempo em que tornaram-se pessoas que conhecem pouco o outro, por saberem pouco de si mesmas. Especialmente quanto ao sentimento de confiança, observo que elas parecem ter suspenso a espera por um reconhecimento por parte do meio e optaram por incorporar em suas vidas um modo miscelânico de ser. Myrtille e Esther lidam com o mundo como quem está numa grande competição e agem acreditando que a autonomia, definida como ter atitudes e dinheiro, é o ponto máximo a ser alcançado. Myrtille lida com as partes do todo, constrói suas narrativas a partir de pequenas peças, para depois compor o todo. Esther ambiciona o todo, é mais cética que Myrtille e precisa de mais garantias para viver. Já Violet Rose, por ter nascido num ambiente um tanto mais confiável, conseguiu lidar com o invasivo de outra forma e foi também capaz de cuidar do seu inacabamento envolvendo-se no processo de procura de si mesma.

A partir destas narrativas clínicas, percebemos haver uma inabilidade das pessoas para imaginar quem é o outro. Seria porque, para além de uma imaturidade, a intenção de ser-como-todo-mundo para garantir um pertencimento vem empobrecendo as relações? Será que este modo urbano tantalizante de lidar com as pessoas traz como possível consequência um recuo dos indivíduos para uma forma narcísica de ser? O escritor e jornalista israelita Amos Oz, durante a Flip (Feira Literária de Paraty) de 2007, quando perguntado sobre como conseguia elaborar e desenvolver especialmente personagens femininas e também crianças e velhos, respondeu que havia nascido com a capacidade de se colocar no lugar do

outro e que este exercício era fundamental para ele escrever e tentar compreender as pessoas e o mundo. Esta capacidade empática, crucial também para o trabalho dos psicanalistas, aparece na chamada pós-modernidade de forma semelhante, mas não equivalente.

Quando os indivíduos que usam a bricolagem capturam uma característica de outrem para si, na observação dos casos citados, parecem fazer um rápido movimento afetivo de aproximação em relação à pessoa eleita, mas só o justo-suficiente, de modo a não criar laços nem a percepção por parte do outro acerca desses pequenos furtos. Nos parece que estes gestos econômicos mais se assemelham a um movimento sutil do que um movimento de ocultação; apostamos, observando estes episódios de capturas, na destreza do ser diante dos momentos em que ele procura a si mesmo (por isso, um certo tom solene e lúdico ao mesmo tempo; por isso também a sutileza, aqui atribuída ao grau de introspecção necessário neste processo).

Há afeto envolvido nos momentos em que o *self* busca “pedaços” para si no outro, mas não há a espera pela participação do outro, o que deixa incompleto o processo de interação e troca. Essa incompletude é um belo desafio para nós, pesquisadores e clínicos, no sentido de que é preciso ver mais do que a superfície nos mostra acerca dessa forma diferenciada de ser. Um sujeito que se constrói assim não desconhece de todo as astúcias que usa para sua composição. O que sabemos pouco é como eles narram suas aventuras e como se sentem quando estão “a sós” consigo mesmos. Muitas vezes escuto queixas sobre o desconforto e a dificuldade de se sentir bem sendo o “pouco que ainda sou”. Isso me faz pensar na escassez de espaço e oportunidades para uma construção de si como uma marca do nosso tempo.

Tem sido raro escutar ponderações acerca do que chamamos de natureza própria e podemos atribuir esta situação ao gigantesco espaço que o mundo do espetáculo ocupa na vida destas pessoas e de todos nós. Embora estes pacientes tenham alguma consciência acerca da composição que arranjam para si, muitas vezes acabam tratando a si mesmos como objetos. Parecem pessoas que foram bem assistidas mas numa medida exata demais, como se tivesse faltado “um pouco”. Este pouco faltante vem a ser uma das causas do sofrimento narrado referente à sensação de uma imprecisão sobre quem se é. Pensamos que de alguma maneira, estas pessoas tiveram uma boa assimilação de experiências

afetivas relativas a um atendimento maternal mesmo que ligeiramente falho. Tanto que o que mais sabem acolher é a si mesmos, por sentirem esta falta relativa à presença mais duradoura do outro cuidador. Isso não demonstra para nós que se trata necessariamente de casos narcísicos, mas talvez que o narcisismo primário seja revivido para um trabalho voltado para a unificação do sujeito.

Desde cedo, na primeiríssima infância, certos sujeitos contemporâneos viveram curtas durabilidades acerca das atenções e companhias que tradicionalmente são dirigidas às crianças. Notamos que há uma vivência memorial relativa ao acolhimento que receberam, mas há também uma triste e discreta falta relativa aos acabamentos, à saciação das experiências. Algumas famílias atuais podiam ser chamadas de ambientes-quase. Nelas, os indivíduos experimentem um *preview* do que é a vida. Como nos *trailers* de filmes, os grupos familiares vivenciam em extratos, pedaços de experiências que são quase suficientes de serem compreendidas e assimiladas. Myrtille, Esther e Violet receberam quase carinho, quase atenção, quase compreensão, quase acolhida, quase diversão, quase desastre, o quase bom, enfim, o quase suficiente em termos de experiências constitutivas. Em contrapartida, simultaneamente, elas viveram a experiência do muito em seu cotidiano: muito rápido, muito intenso, muito divertido, muito violento, muito confuso, muito sem limites, muito estimulante, muito sem propósito, muito deserto, muito indefinido. É precisamente deste ambiente que falamos e é importante notar que é deste mesmo ambiente que o indivíduo contemporâneo parte para o mundo espetaculoso, que vem a ser a expressão máxima do mínimo vivido em casa.

Para exemplificar o que vem a ser experimentar cotidianamente o “quase-suficiente” associado aos “muitos”, trago uma cena. Tempos atrás, ao abrir a porta do consultório, me deparei com uma mãe que viera deixar sua filha para a sessão daquele dia. Ela (a mãe) falava em voz alta ao celular e enquanto falava, piscou o olho para mim como cumprimento, abriu o zíper da mochila, apanhou um cheque para me entregar e, paralelamente a isso, fez uma mímica labial para a menina explicando que ela deveria estar lá embaixo, na portaria do prédio, na hora certa. Cheque e filha entregues, ela foi se afastando de marcha ré, ainda ao telefone, em direção ao elevador, que fica no fim do corredor. Eu e a pequena ficamos debaixo do umbral da porta para esperar um último aceno, que veio, e só então pudemos nos dar boa tarde. Terminado o evento deixando-minha-filha-na-análise, ouvi de

volta: “Tá vendo como é a minha vida? É assim todo dia: tudo rápido, ao mesmo tempo e confuso demais. E olha que hoje ela está calma!”.

Esta linguagem pós-moderna no formato de *previews* é constituída por fragmentos que servem para uma bricolagem. Concluimos que além das experiências invasivas vividas, o contato precoce com uma linguagem veloz, excessivamente informativa e fragmentada, são também influências formadoras para estas pessoas. Estas experiências nos remetem a uma possível variação da vivência da capacidade para estar só, pois estes indivíduos brincaram a sós, SEM a presença de alguém (ao contrário do que Winnicott valoriza, “estar só, na presença de alguém”). Parece vir daí essa qualidade diferenciada para lidar com o outro, como se ele não estivesse ali, embora esteja. Não se trata de indiferença, mas de uma variação da experiência empática que por esta questão singular, ficou desvinculada da experiência relativa à confiança na presença do outro que faz companhia.

Esta forma de apresentação do mundo com tanto movimento e informações diversas, causa a ilusão de que este funcionamento é voltado para o sujeito. De uma certa forma sim, mas o sujeito para o qual as sociedades do espetáculo se dirigem deve ser um sujeito padronizado, cordato com as propostas oferecidas e que age demais e pensa de menos. A sensação de que há uma presença vigilante do mundo voltada para o sujeito pode ser localizada a partir dos indefectíveis alardes ambientais: rios de veículos passando, múltiplas luzes piscando, milhares de pessoas nas ruas, enfim, a conhecida coreografia das cidades. O desejo de monitorar e distrair a sensibilidade das pessoas pode ser também encontrado nas falas dos anúncios dirigidas ao espectador (“Preocupado com o seu futuro? Não perca tempo! Ligue para nós!”).

Em alguns momentos da vida, a percepção de que se está só surge e então a impressão acerca do ambiente-mundo tende a ficar mais apurada. Tanto alarde somado a essa forma artificial e grotesca com que o texto comercial trata o ouvinte passam a ser compreendidos como ausência de cuidados e faz o sujeito se sentir desimportante. Em uma primeira tradução, o sujeito pensa estar no centro da cena. Em outra tradução, ele percebe estar sim no centro da cena, mas para atender e não ser atendido, para olhar e não para ser olhado. Muitas vezes é a partir dessa desilusão sofrida que algumas pessoas passam a ter sentimentos de irrealidade acerca de si mesmas. É importante assinalar a impressão que o

ambiente contemporâneo causa em seus frequentadores: a de uma presença evidente e ao mesmo tempo a de uma ausência avassaladora. Esta ambivalência tem sido matéria desafiadora para as atuais construções subjetivas e para a clínica terapêutica.

Certas construções particulares surgem fragmentadas porque, conforme observamos, a apresentação do mundo que receberam de seus pais foi também fragmentada. Neste sentido a bricolagem serve como o preenchimento da falta. Em vez de um falso *self* ou uma normotipia, inicialmente encontramos um *self* deficiente (na terminologia de Safra) que em análise nos mostra um inacabamento passível de acabamento. Percebemos isso na clínica através de vestígios de um estilo impreciso de ser que carece de um remetente, como Safra (2006: 26) comenta acerca das “formas peculiares de solidão”: “(...) *Nessa situação, não é um outro que está faltando neste estado de solidão, mas é o Outro*”.

Afinal, o processo aproximativo destas pessoas em relação aos seus objetos de interesse é baseado em quê? Talvez na empatia mesmo. Mas empatizar com alguém não é somente imitar esse alguém e também não é só um processo de identificação, pois vai além. Empatia, na acepção de Safra e Edith Stein, é uma transferência para a interioridade do outro. Então, que nome dar a este exercício contemporâneo em que a astúcia captura o inadvertido? Estariam estas pessoas de quem falamos encurtando a experiência tradicional da identificação e vivendo nas bordas da experiência empática? Nestes exercícios de montagem, alguns se fazem acompanhar somente por breves momentos. Parece tratar-se de uma simpatia; claro que se há uma simpatia, deve haver alguma espécie de atribuição ou projeção de si em direção ao objeto. Sobre identificação, indivíduo e sociedades, Renato Mezan (1986: 48) escreveu:

É necessário que haja também uma margem de manobra interna para cada sujeito, um espaço dentro do qual ele possa acomodar estes modelos gerais que a sociedade lhe oferece às suas próprias fantasias e às suas próprias fontes de prazer; é neste espaço que cada um de nós é Pedro ou João, goza de um direito à subjetividade que nos permite ser assim ou assado. Caso contrário, se houvesse apenas o processo de identificação no sentido sociedade-psique, todos os membros de uma dada sociedade seriam psiquicamente iguais, o que obviamente, não é verdade...

Na verdade, estas capturas contemporâneas de características do outro muitas vezes usam como critério a novidade ou o desconhecido-interessante.

Quando a característica cabe dentro de quem a elegeu como “boa para vestir” a mesma ganha o status de “simpática” e por isso passível de experimentação. Mas há também capturas de traços antipáticos e que mesmo assim ganham uso por sua utilidade. A durabilidade ou permanência de tais empréstimos para construção de si nem sempre vingam e nem sempre são transformadores para a pessoa. Observando estas experiências pensamos que se trata de investimento nos termos psicanalíticos, no sentido de uma ligação da energia psíquica a algo situado no mundo externo.

Acontece que os apegos a sucessivos objetos, costumam ter durabilidade curta e o que determina este tempo não é a experiência de saciação, mas o anúncio do próximo e interessante objeto “ainda mais atual”. Um exemplo para isso está na fala de uma jovem paciente que ao me mostrar seu novo aparelho celular, adquirido na véspera, comentou: “É uma pena porque no fim do ano vão lançar ele com duas cores e um *flip* opcional”. Foi interessante observar que ela nem vivera a experiência de satisfação e já vivia uma experiência de frustração. Era perceptível que ela gostaria de se sentir orgulhosa do seu novo brinquedo mas algo a impedia. O medo de ser ultrapassada funcionava como elemento repressor para a contentação e esse medo advinha do eterno anúncio cujo conteúdo diz: *there's “more to come”*. Aqui reside a diferença da qualidade do investimento do indivíduo contemporâneo em relação ao seu desejo: ele lida com a advertência da sociedade de que cada ligação de objeto tem tempo determinado de duração e isso nada tem a ver com o tempo do seu mundo interno. “*There's more to come*” é um anúncio ambivalente: podemos pensar em uma promessa boa, mas também podemos sentir a angústia que o infinito pode provocar.

Encontra-se aí uma grande marca destes tempos, onde o sujeito pode facilmente confundir saciação com precipitação, no sentido de que o abandono de uma experiência objetual muitas vezes se dá antes pela antecipação da apresentação de um novo objeto de possível interesse, do que pela total exploração relativa ao objeto anterior. Observamos que, por conta destas condições, estas diferentes subjetividades mantêm uma mínima parte de si definida, estável, e uma outra parte em permanente experimentação e isso tem gerado ansiedade em muitas pessoas.

Em muitas narrativas, notamos que há mudanças bruscas, em curtos períodos, de um ponto de referência para outro. Por exemplo: de um *approach*

com a vida no qual uma casa é para lá de bem equipada, alguém passa a dizer para si mesmo (e para o analista) que para viver bastam poucas coisas (e esse pensamento é imediatamente executado em termos práticos). A base de permanência para uma pessoa pós-moderna parece ser justamente a insistente busca por algo que não se sabe bem o que é, o que gera uma rotatividade de crenças que ora norteiam o indivíduo numa direção, ora noutra bem diferente. Seria esta forma de viver uma consequência de como as sociedades dialogam com seus indivíduos? Nos parece que esta repetida não-permanência sobre quem se é, quem se vai ser ou, sobretudo, no que se deve crer, exaure e deprime o indivíduo. Estar sempre à procura, ou melhor, estar sempre achando, traz um tom de irrealidade para o viver. No fundo, no fundo, o sentimento de *self* fica perdido, não por nunca encontrar o seu lugar, mas, ironicamente, por estar sempre achando possíveis e incríveis lugares para ser e estar. Daí o cultivo do sentimento de inacabamento.

Talvez uma saída para o sentimento de inacabamento que estas pessoas vivem seja assumí-lo e lidar com ele como se gira um caleidoscópio diante dos olhos. Ao invés de se angustiarem pela não fixação de uma composição, é assumido o caráter maleável na interação com o mundo. Resta para os tempos atuais o aproveitamento do que pode haver de interessante e criativo nesta forma camaleônica de viver. Eis aqui assinalado um estilo de uma suavização para o viver. O que transparece para nós é que algumas pessoas, para dar conta de seu cotidiano rotativo e frenético, se esquecem da própria natureza sensível. Interessante, porque em sua obra intitulada “Natureza humana” (1999), Winnicott diz: “A natureza humana é quase tudo o que possuímos”(p. 21) e, mais adiante: “O ser humano é uma amostra-no-tempo da natureza humana” (p. 29).

A idéia de sermos para nós mesmos uma amostra-no-tempo nos oferece dois pensamentos: o primeiro, acerca da continuidade de nossa espécie ao longo das muitas eras já vividas; o segundo, o lembrete de que nós entendemos as coisas *a posteriori* e não *a priori*. A ciência funciona assim, arremetendo lançamentos que só com o tempo poderão ser comprovados ou modificados, permanecerem ou serem ultrapassados. Existe um natural *delay* entre o que uma pessoa pensa e o que ela é capaz de fazer e assimilar; depois há um outro *delay* entre o que a pessoa faz e qual tradução é capaz de dar para o feito. Parece que o nosso processo maturacional avança de *delay* em *delay*, como se fôssemos diluindo o pouco que

sabemos no tanto que não sabemos, até ficarmos (na boa hipótese) menos angustiados. Este *delay* clássico e estruturante que aqui assinalamos, na contemporaneidade é sobreposto à característica de que viemos falando ao longo do texto, qual seja, a de que certas pessoas, justamente pela imaturidade tardia que apresentam, antecipam um ser a partir de um fazer improvável e provisório. E assim vão caminhando.

O recurso de retirar-se para dentro de si e extrair o máximo possível de idéias e atitudes parece uma tentativa de manter o que há de mais peculiar na condição humana: a capacidade relacional. Uma boa imagem para este pensamento pode ser encontrada em diversas cenas de um gracioso desenho de animação intitulado “Wall-e” (*Waste Allocation Load Lifter Earth-Class*)<sup>15</sup>. Esta história se passa no planeta Terra totalmente esvaziado de pessoas e repleto de lixo de toda espécie, onde resta um pequeno robô, cuja única função havia sido a de coletar, prensar e alojar restos. Nas diversas cenas em que ronda uma terra fantasma, ele, vez por outra, encontra um objeto que lhe desperta algum afeto. Para estes, ele tem um lugar diferenciado para guardar. Gostaríamos de usar esta imagem para pensar se os nossos personagens contemporâneos encontraram uma forma específica de lidar com todo o volumoso lixo que herdaram da história cultural de sua própria espécie. A forma seria esta, a de filtrar em grande escala o gigantesco excesso de propostas para ser um alguém, elegendo com a delicadeza que a alma merece, um detalhe aqui, outro ali e, calma e ligeiramente, ir fazendo cesuras. Esta ligação afetiva a alguns objetos mostra que ainda há uma boa capacidade seletiva e inventiva, orientada por um *self* ansioso por um lugar (mesmo quando ele se sente perdido).

Pode ser que as pessoas, mais do que antes, estejam perdidas e descompensadas em suas habilidades para se situar no mundo em que vivem. Vive-se agora entre o natural e o artificial separados por uma tênue fronteira e isso tem trazido perplexidade e cansaço para todos nós. Ainda assim, permanece bem visível o desejo de sermos encontrados, compreendidos e valorizados. Como metáfora viva disso, temos, suspensos e flutuantes no espaço, desde o ano de 1977, dois discos de cobre, folheados a ouro, carregados pelas duas naves Voyager. O propósito da confecção destes discos foi o de deixar gravadas para

---

<sup>15</sup> Ver imagem no final do trabalho em anexo (p. 111).

possíveis leituras, importantes informações sobre os seres humanos. Este audacioso empreendimento foi produzido em nome da garantia de que no futuro longínquo outros seres saberão quem fomos e em nome também do desejo de comunicação que o ser humano carrega consigo. Para tal empreendimento, há 32 anos atrás, a Nasa escolheu uma equipe de profissionais para selecionar sons da Terra, músicas, saudações em 55 línguas diferentes e diversas imagens do planeta e de seus habitantes. Reunido e gravado, este material foi arremessado no espaço sideral como uma aposta ou uma esperança de transpor o desconhecido.

Penso na importância da memória para nós todos, pois é a noção memorial acerca de quem somos e para o que somos que faz de nós uma boa companhia para viver bem a vida. Somos capazes de perder guerras, a finalidade e o sentido do viver e até o que chamamos de nossa ética. Mas talvez, o mais doloroso para uma pessoa seja o esquecimento de sua própria condição humana. Tanto que, diante da escuridão intergaláctica, cuidamos de lançar uma garantia para que o universo não nos esqueça. Sobre nós, em terreno desconhecido, depositamos discos que contém os murmúrios da Terra, como sons da baleia jubarte, choro de um bebê sendo acalentado por sua mãe, batidas cardíacas, trovões e ventos, o fogo e a voz humana. Há também nos discos muitas imagens e uma especial seleção de nossa música. A sequência musical contém 27 músicas essencialmente eruditas, com Bach, Beethoven, Stravinsky, intercaladas com percussões do Senegal, flautas peruanas, um canto búlgaro e um Canto da Noite dos índios Navajos entre outros. Há um blues com Louis Armstrong e “*Dark was the night*” com Blind Willie Johnson.

Por fim, há no espaço sideral vestígios da raça humana civilizada. Isso é um fato. Há aqui nas grandes cidades vestígios de formas de ser que resistem à gravidade do espaço, procurando manter a pulsão de vida ligada. Isso é uma inclinação. Entre o fato e a inclinação, vivem Myrtille, Esther e Violet Rose. São elas que daqui a pouco poderão falar melhor sobre esta época que vivemos, posto que elas carregam consigo mais sagacidade e sabedoria do que nos é possível vislumbrar.

Boa notícia.